

O filho do Brasil no Poder

Ted Goertzel*

[Tradução: Juliana Lemos]

Resumo

Lula deixou o poder com popularidade recorde, mas, paradoxalmente, as mudanças realizadas foram modestas. Lula parece ter compreendido que o que os brasileiros mais queriam era a ausência de mudanças. Talvez tão importante quanto a religiosidade ou as origens de Lula seja o fato dele ter sido criado pela mãe. O estilo de Lula é o oposto do estilo “macho”. Ele é um feminista, não apenas em ideologia como também em seu próprio estilo pessoal. Ele é menos o filho do Brasil do que o filho de uma mãe solteira brasileira.

Palavras-chave: Política, Brasil, Lula, FHC.



* **TED GOERTZEL** é Professor de Sociologia na Rutgers University em Camden, New Jersey. Publicou uma biografia de Fernando Henrique Cardoso e está escrevendo uma biografia sobre Luiz Inácio Lula da Silva.



Photos by Marcello Casal, Jr. from http://sn-01.radiobras.gov.br/fotos/anteriores/Default_2006.htm

Há oito anos, Luiz Inácio Lula da Silva inaugurou seu mandato com um pronunciamento de grande impacto: “*Mudança*: esta é a palavra-chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança, finalmente, venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.” (Silva, 2003)

Lula deixou o poder com popularidade recorde, e a grande maioria dos brasileiros estava satisfeita com o trajeto de seu governo. Mas, paradoxalmente, as mudanças realizadas foram modestas. Lula parece ter compreendido que o que os brasileiros mais queriam era que a ausência de mudanças. Desejavam a prosperidade econômica e pareciam felizes em partilhar um pouco dela com os mais pobres. Mas, fora isso, havia pouca demanda para as reformas que tanto o

Partido dos Trabalhadores quanto os Social-Democratas defendiam há décadas.

No dia 19 de dezembro de 2010, *O Globo* publicou uma seção especial chamada “A Construção do Mito Lula”. (O Globo, 2011). Nela, os autores apontavam de maneira impiedosa as falhas nas supostas realizações de Lula. Se a economia havia apresentado um crescimento fenomenal em 2010, isso só ocorreu porque havia enfrentado uma crise no ano de 2009. Se o Brasil havia crescido em média 4% ao ano durante o mandato de Lula, esse crescimento era menor do que a média para a América Latina durante o mesmo ciclo econômico (4,64%). Apesar de suas promessas, a reforma agrária continuava tão lenta quanto antes. Os conflitos nas áreas rurais aumentaram. Lula firmou alianças políticas com oligarcas como José Sarney e Fernando Collor. Embora

tivesse prometido aumentar a infraestrutura, Lula deixou estradas, portos e aeroportos em situação quase caótica. Seu programa Fome Zero transformou-se numa esmola permanente, fazendo com que os pobres não tivessem outra alternativa senão depender do Estado. E o pior de tudo, segundo O Globo, foi que Lula manteve as altas taxas de juros e uma alta carga tributária que continuaria a ser um fardo para o país durante muitos anos, já que não houve reforma tributária e nem da previdência.

O *Blog do Planalto* revidou:

Quem leu ou vier a ler o caderno especial do jornal *O Globo* sobre a Era Lula não terá dúvida: a direção do jornal, seus editores e analistas estão entre os 3% a 4% de brasileiros que consideram o Governo Lula ruim ou péssimo.

Para eles, a aprovação de mais de 80% alcançada pelo presidente Lula e seu governo ao final de oito anos de mandato é um mistério. Talvez uma ilusão ou uma hipnose coletiva, que estaria impedindo o povo de enxergar a realidade. Para O Globo e seus analistas, o Brasil avançou muito pouco na Era Lula e os poucos avanços teriam sido apesar do governo e não por causa de suas ações.

Como disse o presidente Lula no dia em que registrou em cartório o seu legado, a imprensa não tem interesse nas ações construtivas do governo, ela prefere focalizar as destrutivas. Cabe ao próprio governo fazer chegar à sociedade o contraponto. (*Blog do Planalto*, 2011)

E foi isso o que fizeram. A secretaria de comunicação de Lula publicou uma coleção enorme, em seis volumes, chamada *Balanco do Governo 2003-2010*, e Lula gabou-se das realizações

de seu governo num discurso de despedida em transmissão nacional pelo rádio e TV (Secretaria de Comunicação, 2011; Silva, 2010). A lista de realizações era grande. O salário mínimo teve um aumento de 67%. Foram construídas represas, hidrelétricas, refinarias de petróleo e novas ferrovias. Dois milhões de pessoas passaram a ter eletricidade, e mais um milhão passou a ter moradia. Foram criados novos programas de saúde, assim como 14 novas universidades e 126 escolas técnicas. O Brasil saldou sua dívida com o Fundo Monetário Internacional e agora passava a emprestar dinheiro ao fundo.

Era uma boa lista, mas não mais impressionante do que aquela feita em publicação similar, preparada pelo mesmo órgão e publicada ao fim dos oito anos de mandato de Fernando Henrique Cardoso. (Secretaria de Estado, 2002). A maioria das realizações eram continuações de programas nos quais o governo já trabalhava antes de Lula assumir o poder. Houve bastante progresso contínuo, mas poucas mudanças drásticas.

Não são apenas os críticos da direita que estão surpresos com a falta de maiores reformas estruturais no governo Lula. O estudioso de esquerda Fernando J. Cardin de Carvalho argumenta que tanto Lula quanto o ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso foram líderes fracos:

Há uma ausência significativa de liderança tanto em relação à capacidade de formular estratégias claras quanto à de segui-las. No caso de FHC, essa falta de diretrizes parecia ter raízes em sua teoria de dependência (...). No caso de Lula e do Partido dos Trabalhadores, os motivos para a ausência de raciocínio estratégico

não são claros. (...) Na ausência de estratégias claramente definidas, a política de Lula parece ter consistido basicamente em se deixar levar pelos ventos favoráveis da economia internacional (...) (Cardin de Carvalho, 2007).

Fernando Cardin de Carvalho tem razão ao afirmar que nem Lula e nem FHC foram o tipo de líder "forte", capaz de impor mudanças radicais à sociedade. Mas sua explicação para a suposta fraqueza de ambos está errada. A obra acadêmica de FHC falava sobre como os países poderiam superar a dependência, não criava desculpas para ela. Assim que assumiu o poder, FHC formulou uma estratégia clara para pôr fim à hiperinflação e seguiu-a à risca. Lula é um estrategista e organizador político brilhante. Sua *Carta ao Povo Brasileiro* deixou clara sua estratégia política em 2002 e ele a executou com maestria. É difícil pensar em dois líderes melhores para formular estratégias e executá-las.

Por que, então, o fracasso em implementar reformas tributárias e na previdência, que tanto FHC quanto Lula acreditavam ser necessárias? A fraqueza não está nos líderes, e sim no próprio sistema democrático. FHC e Lula possuem personalidades muito diferentes, mas ambos entraram na política como parte de um movimento para democracia e são democratas assumidos. Um líder democrático não pode simplesmente impor mudanças radicais. As políticas de FHC eram constantemente rechaçadas pela oposição, tanto do Partido dos Trabalhadores como de outros partidos. Lula tentou implementar muitas dessas mesmas reformas em seus dois primeiros anos, mas acabou enfrentando a oposição dos funcionários públicos e da ala de esquerda de seu próprio

partido, entre outros. Tentou contornar empecilhos legislativos com a compra de votos de seus supostos aliados. Depois do escândalo da compra de votos, ele basicamente se afastou das controversas tentativas de fazer uma reforma.

É compreensível que os críticos estejam decepcionados com o fato de que tanto Lula quanto FHC não tenham concretizado seus planos. Fernando Cardin de Carvalho é bastante explícito quanto às expectativas de um governo de centro-esquerda:

Até mesmo um governo que é nominalmente de esquerda, em um país em desenvolvimento, precisa perseguir pelo menos quatro metas: emprego para todos, crescimento econômico, redistribuição da renda e da riqueza e fortalecimento das classes mais necessitadas, dando a elas o direito da cidadania. Um governo de esquerda não deve ser "generoso". Pelo contrário: ele deve avançar a redefinição de direitos e deveres, repassando o poder daqueles que antes estavam no comando para os que se encontram em posição de subordinação. (Cardin de Carvalho, 2007: 30).

Lula e FHC partilham dessas quatro metas e fizeram progresso em todas. O progresso não foi tão rápido quanto desejavam, mas foi favorável se comparado com o de governos de esquerda mais ditatoriais. O problema parece estar com aquilo que Cardin de Carvalho chama de "generosidade" de Lula. O impulso de Lula é de se dar bem com todos. A esquerda radical queria que ele fizesse duras críticas aos ricos e poderosos, assim como Hugo Chávez. Lula preferiu adulá-los e persuadi-los. O mesmo vale para FHC.

Para Lula, ter um bom relacionamento com pessoas de todas as esferas é uma

questão de personalidade e de filosofia de vida, não de ideologia política. A visão de mundo de Lula é fundamentalmente cristã, não marxista. Isso fica obscurecido pelo fato de que ele mantém sua vida religiosa em privado e respeita a separação entre Estado e Igreja. Como Católico Romano, por diversas vezes manifesta seu apreço por todos os grupos religiosos do Brasil, inclusive os evangélicos e judeus. Escolheu um protestante evangélico como vice. Seu cristianismo não é de mentalidade estreita, sectária; é uma teologia de compaixão por outros seres humanos. É uma filosofia que encontra grande respaldo com o povo brasileiro, e isso contribuiu em muito para sua popularidade.

Talvez tão importante quanto a religiosidade ou as origens de Lula é o fato de que ele ter sido criado pela mãe. Ele se recusou a seguir os passos do pai, que via como um homem fracassado. Ter um pai que é um fracasso pode ter vantagens na vida: pesquisas mostram que o fracasso paterno é comum na infância de pessoas de sucesso. (Goertzel, 2003). Dois presidentes americanos, Barack Obama e Bill Clinton, também sentiam raiva ou se ressentiam de seus pais (ou padrastos) e tinham um relacionamento muito próximo com suas mães.

Os filhos de mães bem-sucedidas aprendem a partilhar seus sentimentos e a criar empatia com outras pessoas, além de desenvolver habilidades práticas nos relacionamentos pessoais e na resolução de problemas. O fato de não precisarem competir com os pais pela atenção das mães na infância talvez os ajude a ter mais autoconfiança. Não precisar submeter-se à autoridade paterna, ou se rebelar contra ela, pode ajudá-los a superar com tranquilidade a

adolescência e a seguir uma carreira adequada a seus talentos e vocações. No caso de Lula, seu pai voltou a fazer parte de sua vida quando ele tinha nove anos de idade, e ele teve de deliberadamente se rebelar contra ele, com o apoio da mãe. Lula é bastante explícito quanto a ter adotado um modo maternal de liderança. Num discurso de campanha de 2010, ele afirmou:

O melhor exemplo que dou para a arte de governar é a arte de ser mãe. Governar não é nada mais do que agir como uma mãe age tomando conta de uma família, garantindo a todos o direito de ter oportunidades. Aliás, a palavra "governar" está errada. Não sei quem foi o filósofo que inventou a palavra "governar". Na verdade, em vez de "governar", deveria ser "cuidar". (MENZES, 2010b).

De acordo com os dicionários, a palavra "governar" implica exercer autoridade e fazer cumprir as regras. Essa é uma abordagem estereotipadamente masculina da vida, presente no treinamento legal e militar da maioria dos presidentes brasileiros do passado. O estilo de Lula é o oposto do estilo "macho". Ele é um feminista, não apenas em ideologia como também em seu próprio estilo pessoal. Ele fala de seus sentimentos abertamente e não tem vergonha de chorar em situações públicas. Lula não herdou tal estilo de governar de sua classe social ou do lugar onde nasceu, e nem do fato de ter sido criado no Brasil. Isso é herança de sua mãe. Ele é menos o filho do Brasil do que o filho de uma mãe solteira brasileira.

Lula prometeu "mudanças", mas ele sabia que os brasileiros estavam cansados de ouvir que suas instituições precisavam ser reformadas, cansados de perder a segurança de cargos governamentais e aposentadorias

precoces, cansados de receber ordens de ambientalistas e outros ativistas. Eles desejavam um presidente que lhes desse ânimo, e não alguém que fizesse críticas. Apreciavam receber salários em uma moeda que não perdesse seu valor para que pudessem desfrutar dela. Foi sorte o fato de Lula ser eleito em uma época em que a economia brasileira pudesse gerar crescimento econômico com algum grau de redistribuição de renda e sem provocar uma nova inflação. Ele aproveitou a oportunidade e assumiu a autoria dos avanços no Brasil, como se os governos anteriores não tivessem lhe deixado nada além de uma herança maldita.

Quase duas décadas de eficaz liderança presidencial tornaram o Brasil um lugar bem melhor, e a maioria esmagadora da população deseja a continuidade do governo. Mas a política costuma ser algo cíclico, e o Brasil pode estar se aproximando de um momento de mudança. Cristóvam Buarque acredita que o Brasil está chegando ao fim de um ciclo, prestes a começar outro (Buarque, 2010). Ele chama o atual ciclo, que começou com a transição para a democracia e a estabilização da moeda, de “social-democracia tímida”. Afirmar que o próximo ciclo deve ser de social-democracia mais agressiva para tornar a política menos corrupta, gerar uma economia de alta tecnologia, promover a igualdade de oportunidade e aumentar a segurança nas áreas urbanas. É da opinião de que, se social-democracia não puder realizar isso, o próximo ciclo poderá ser tanto uma volta à direita quanto uma volta ao populismo.

O Brasil tem dois fortes partidos social-democratas que ainda são liderados, em grande parte, por pessoas que entendem esses objetivos e concordam com eles. Contudo, em vez de unir forças, esses

dois partidos, os Social Democratas e o Partido dos Trabalhadores, aliaram-se a partidos mais tradicionais e passaram a adotar aquilo que Marina Silva, a ambientalista do Partido Verde, chama de “pragmatismo ilimitado”. Ela afirma:

É uma ironia da História: dois partidos nascidos para afirmar a diversidade da sociedade brasileira, para quebrar a dualidade existente à época de suas formações, se deixaram capturar pela lógica do embate entre si até as últimas consequências.

Ambos, ao rejeitarem o mosaico indistinto representado pelo guarda-chuva do MDB, enriqueceram o universo político brasileiro criando alternativas democráticas fortes e referendadas por belas histórias pessoais e coletivas de lutas políticas e de ética pública.

Agora, o mergulho desses partidos no pragmatismo da antiga lógica empobrece o horizonte da inadiável mudança política que o país reclama. (Franco, 2010).

Dilma Rousseff expressou seu compromisso de liderar um processo de reforma mais ativo, para assim realizar as mudanças duradouras que acredita que o Brasil precisa. A dependência de seu partido na aliança com o PMDB, no entanto, pode tornar isso difícil. O PSDB está revendo suas estratégias depois de perder a eleição presidencial de 2010, e também está bastante ciente da necessidade de reformas. Talvez seja demais esperar que esses dois partidos social-democratas e progressistas acabem se unindo, mas os Social-Democratas no Congresso cooperaram com o governo de Lula em diversas questões, colocando as necessidades do país à frente das vantagens partidárias de curto prazo. Dilma Rousseff fez parte desse processo quando foi Chefe

da Casa Civil, e deve estar preparada para continuar a trabalhar com os Social-Democratas e outras forças progressistas.

Lula escolheu retirar-se com um alto grau de popularidade em vez de fazer uso dessa mesma popularidade para pressionar por reformas controversas. Ele também escolheu não usar essa popularidade para tentar se tornar um dos "presidentes vitalícios" da América Latina. Percebeu que seu legado político era mais de continuidade do que de mudança. Observou, realista, que "O legado do nosso governo é a consolidação das políticas sociais com crescimento da economia e uma situação macroeconômica sólida". (Pariz e Martello, 2007).

Referências

- BUARQUE, C. O Ciclo Dilma. In: Blog do Noblat, O Globo, 23 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/12/18/o-ciclo-dilma-350289.asp>. Acesso: 28.12.2011.
- CARDIM DE CARVALHO, F.J. "Lula's Government in Brazil: A New Left or the Old Populism?" In: ARESTIS e SAAD-FILHO, Political Economy of Brazil, New York, Palgrave, 2007, p. 33.
- FRANCO, B.M. Em carta, Marina acusa PT e PSDB de 'pragmatismo sem limites', In: Folha.com, 17 de outubro de 2010. <http://www1.folha.uol.com.br/poder/815926-em-carta-marina-acusa-pt-e-psdb-de-pragmatismo-sem-limites.shtml>. Acesso: 18.10.2010.
- GLOBO. A Construção do Mito Lula, *O Globo*, 19 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2010/12/20/especial-construcao-do-mito-lula-923329740.asp>. Acesso em 01.01.2011.
- GOERTZEL, T. Cradles of Eminence. Scottsdale, Arizona: Great Potential Press, 2003.
- MENZES, M. Lula fala em Deus e vingança no Piauí, O Globo, 15 de outubro de 2010. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/OpiniaPublica/inc/senamidia/notSenamidia.asp?ud=20101015&datNoticia=20101015&codNoticia=481646&nomeOrgao=&nomeJornal=O+Globo&codOrgao=47&tipPagina=1>. Acesso 18.10.2010.
- PARIZ, T e MARTELLO, A. Só vou ser comparado a Vargas, diz Lula, Globo.com, 30 de agosto de 2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL96520-5601,00.html>. Acesso 30.8.2007.
- PLANALTO. Balanço da Era Lula no Globo: Olho torto entorta a vista. In: Blog do Planalto, 21 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://blog.planalto.gov.br/balanco-da-era-lula-no-globo-olho-torto-entorta-a-vista/>. Acesso em 22.01.2011.
- SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO. Balanço do Governo 2003|2010. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 2010. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/sobre-a-secom/publicacoes/balanco-de-governo-2003-2010>. Acesso: 21.1.2011.
- SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO. Brazil: 1994-2002: The Era of the Real. Secretaria de Estado de Comunicação do Governo, Brasília, 2002.
- SILVA, L.I. Discurso na cerimônia de posse, Congresso Nacional, 1º de janeiro de 2003.
- SILVA, L.I. Pronunciamento à nação em cadeia nacional de rádio e TV, por ocasião do final de ano, 23 de dezembro de 2010. Disponível em: http://www.info.planalto.gov.br/static/inf_briefdiscusos.htm. Acesso: 25.2.2011.